

Rosário Marcelino

Poemas

IBUNDUS VERMELHOS

Edição do Autor

Rosário Marcelino

IBUNDUS VERMELHOS
IBUNDUS VERMELHOS

Edição do Autor

LUCIO LARA

Todos quantos

nasceram a

11 de Novembro de 1975

IBUNDUS VERMELHOS

AUTOR: Renato Marcelino

CAPA: Renato Marcelino

FOTO: Paulo Oliveira

(© Autor no IV Centenario das Escolas Ário-Aristides)

EXECUÇÃO GRÁFICA: Litografia Ática/Neográfica

IBUNDUS VERMELHOS

AUTOR: Rosário Marcelino

CAPA: Rosário Marcelino

FOTO: Paulo Oliveira

(O Autor na VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos)

EXECUÇÃO GRÁFICA: Litografia Africa/Neográfica

A

INTRODUÇÃO

Todos quantos

nasceram a

11 de Novembro de 1975

da poesia a voz da libertação com ritmo de tambor e imagem de luta.

Não surpreende pois que a primeira obra de Rodrigo Maranhão se inscreva nessa dimensão.

Muito têm escrito alguns críticos a respeito, chegando até a pôr em causa se é ou não antiliterário seguir-se assim uma literatura ao "serviço de..."

O certo é que, a despeito de vozes contrárias muitas vezes nadas de visão eurocentrista do problema, a maioria dos nossos homens de letras guiada por consciência própria desde sempre escolheu a Revolução como elemento motivador da sua literatura. Decerto seguiu-se aquele provérbio bantu segundo o qual: "DO QUE NÃO VISTE NÃO FALES" ou equivalente: "O QUE NÃO VIVES NÃO ESCREVAS". Opção que parece significar para o estudioso uma indubitável corrente desde muito.

Uma literatura não será produto da crítica, porém sim o cenário do que os escritores foram capazes de dar corpo.

Não sendo só a produção, só a extração de obras mas determinante duma história de literatura, duma história de arte.

Quer pela motivação (temas de liberdade) quer pelo nível linguístico (o acerto do adjetivo possessivo, a superlativo, a repetição de versos, a grandivação dos termos metafóricos) IRUNDUS VERMELHOS mergulham na poesia de uma maneira orgânica, corporizam vários processos.

INTRODUÇÃO

Os poetas angolanos fizeram da poesia a voz da libertação com ritmo de tambor e imagem de luta.

Não surpreende pois que a primeira obra de Rosário Marcelino se inscreva nessa dimensão.

Muito têm escrito alguns críticos a respeito, chegando até a pôr em causa se é ou não antiliterário seguir-se assim uma literatura ao "serviço de..."

O certo é que, a despeito de vozes contrárias muitas vezes nadas de visão eurocentrista do problema, a maioria dos nossos homens de letras guiada por consciência própria desde sempre escolheu a Revolução como elemento motivador da sua literatura decerto seguindo aquele provérbio bantu segundo o qual: "DO QUE NÃO VISTE NÃO FALES" ou equivalente: "O QUE NÃO VIVES NÃO ESCREVAS" Opção que parece significar para o estudioso uma indesmentível corrente desde muito.

Uma literatura não será produto da crítica, porém sim o somatório do que os escritores forem capazes de dar corpo.

Assim sendo só a produção, só a emanção de obras será determinante duma história de literatura, duma história da arte.

Quer pela motivação (temas de liberdade) quer pelo material linguístico (o acento do adjectivo possessivo, a supressão do artigo, a repetição de versos, a gerundivação dos termos perifrásticos) IBUNDUS VERMELHOS mergulham na práxis da poemática angolana, corporizam vários processos.

Buscam imagens a partir da reelaboração da linguagem, apor-
tuguesamento, justaposição, inserção de termos nacionais - ma-
na Luzia... seu dikelengu dessufocado larga meu canto - cora-
ção batucando vitória - manhãs de ibundus vermelhos, etc., da
figuração de estilo próprio - a vingança das correntes é o povo
lendo e escrevendo suas bocas cheias - que se pintem os lábios
com bâton da ferida - fio cortado perdido no arco iris num
emaranhado de diversos - amanhã do amanhã. Noutros poemas
há o tom narrativo e panfletário (panfleto aqui no sentido de
revolucionário) da geração de 50 (vidé poemas Kwanza Des-
moronou Casa Forte - Menino e Homem - Tambor de Moçam-
bique N' Alta Noite).

Rosário Marcelino apresenta - se pela primeira vez em
livro, juntando sua voz às vozes revolucionárias. Poeta novo
Jovem. Saudamo - lo. Encorajamo - lo a prosseguir, a vencer!

Porque ser poeta é um longo e árduo caminho, a percor-
rer adentro de um dos mais multifacetados e complexos e
inesgotáveis campos artísticos: - o da poética!

E ser escritor não é posse imediata e definitiva de pro-
cessos estéticos. É sempre a conquista da otimização do valor
artístico depois de cada realização.

Avante, pois!

LUANDA, 18 DE MARÇO DE 1979

JORGE MACEDO

Ibundus vermelhos

O Mundo

Um louco que barra e col
Um moribundo que suspira
Um assassino na escuridão
Olhos estufados
num sufocado

Cantos de guerra

Mikonda acordando o bairro
mana Luzia peixeira já, 'stá passaa
seu dikelengu dessufocado
larga meu canto

andorinhas no ar coreando
manhãs de ibundus vermelhos

12/11/1975

Mikonda — arcos

Dikelengu — garganta

Ibundus — aportug. do kimb., ibundu; frutos.

Assim

Assim

que meu corpo é fio de guitarra

assim

que meu sangue é kandingolo

nas veias correndo, correndo

assim

que minha cabeça é fogo

meus olhos sol de meio-dia

assim

que não conheço o sono

o vaguear do meu espírito

assim

não espero mais sábado

8/12/1978

O Mundo

Um louco que berra e cai
Um moribundo que suspira
Um assassino na escuridão
Olhos esbugalhados
num enforcado

Carros de guerra
Um velho aterrorizado
O incêndio de um paiol
Uma rua deserta
balas que nela vagueiam

Um corpo apunhalado
Um cadáver boiando
Cinco dias sem comer
Explosão destruindo uma família
e

Umara filho dum lunche
Um pássaro que canta
Uma criança dormindo
Um carro de bois passando
Uma mulher tirando água
num poço

Um pedreiro que constrói
Um estudante caminhando p'ra escola
Alguém se banha de sol
Um beijo de amor
Um sorriso de alegria

Uma caçada na queimada
Um agricultor escavando
Uma canção em coro
Um jovem assobiando

1975

Lumbu dia muadi

*Tomara filho dum lumbu
criado com leite da vaca malhada
manteiga feita na cabeça
na labuta do meu pastorear*

*Tomara filho dum lumbu
acordando na distância
com os chilreios dos pássaros saltitando
de árvore em árvore, de haste em haste
o sol sorrindo por detrás da montanha*

*No parlatório
Kajiza cabeceando no sungular
no pátio
uane, done, tene
na discórdia da derrota*

*Tomara filho dum lumbu
meu lumbu minha liberdade
n'água da cacimba na sanga
cujo paladar só ela tem
cujo cheiro só ela possui
que a mim mal não faz*

Riqueza escravizadora queria!

*Dinheiro és tu morto
em casa alheia cofre roto*

traíçoeiro!

Um sorriso de alegria

Tomara filho dum lumbu!...

Uma caçada na queimada

*Eu sou filho dum lumbu!
irmão de todos os vivos e mortos*

na reconquista do lumbu

Eu sou filho dum lumbu!

Meu lumbu é Angola

Lumbu — aglomerado de casas de um agregado familiar.

Muadi — neste caso, ancião.

Kwanza desmoronou casa forte

**Ah! Kwanza
Naquele dia com cacussos
e amigos de infância
era um sabor a ti**

**Leva-me no teu dorso
p ra lá do Dondo**

**A vingança
dos filhos te empurrados em 61
é o teu transbordar
na dimensão da Nação
é a tua presença em todos os lares
instaurando o Socialismo**

**Quantos saudosistas
não choraram por causa de ti
Quantos
tornaram-se cardíacos .
Quantos
se tornaram simplórios**

**Se eles me ouvirem
falando baixinho
pensarão que conspiro**

*Mas... falo simplesmente
da tua beleza
do dongo que flutua sobre as ondas
vindas dos rápidos do Kondu (Cangandala)
da barragem de Cambambe
que ilumina airoosamente esta Luanda
e faz mover com vigor as máquinas
das fábricas
das hortas-jardins a tua volta
do pioneiro que no teu seio
aprende a nadar*

*Ó Kwanza feito moeda
o fim da queda dum sistema!*

*Grita aos ouvidos dos "surdos"
e diz-lhes que a criança quer pão.
Os que fingem não entender
como quererão perdão?*

*Grita com planos pulmões
que és a UNIDADE NACIONAL*

Menino e Homem

*Nasci como phemba
na minha inocência, bombó na tarimba
com meu olhar de nada exprimir*

*Saio do mundo com cicatrizes, com aleijões
na minha mente, perturbações
conheci o ódio, conheci o amor*

*Nesta longa e penosa caminhada conheci-te
e aprendi que a vida seria mais dura
sem a tua graça, sem o teu amor*

Phemba — cor alva, símbolo de pureza. Seja num sonho em que nos apareçam pombas brancas, fuba, algodão; ou um ocultista, que nos diga por exemplo: — verifiquei na sua parte materna, phemba. Quer dizer que nesta parte familiar não há nenhum malfetor a perseguir o paciente.

Despertar

da tua beleza
do fogo que flutua sobre as ondas
vivas dos rápidos do Konda (Cangandala)
da baragem da Cumbamba
que ilumina airozamente esta Luanda
e faz flaver com vigor as máquinas
das fabricas
das hortas-jardins a tua volta
do pioneiro que no teu solo

**Com o rosto verdejante
olhos reluzentes rejubilantes
e o coração ponderando
Angola desponta**

**Já vejo as estradas abrirem-se
à minha frente
e o raiar do sol no horizonte
anuncia que
Angola desponta**

**Operários
estudantes
camponeses
intelectuais**
numa só frente

**Já vejo as aves regressando
já vejo as escolas
papagaios rabujuncando
no céu azul**

**A tua nova face, ó terra mãe
sem rios de lágrimas
sem sangue de mágoa
sem poeira de guerra
é sem igual**

NOVEMBRO

**Já vejo as aves regressando
no horizonte**

Travessando no Canto
numa noite barbaço
tritura de botas
negura de faldas espartadas
silêncio sepulcral suspenso
sorriso nervoso
voz de esperança
choro de alegria
nascermos

Nos ramos
o princípio de um fim
e o princípio de um princípio

Nascermos enrugados em tumultos
emergimos dos escombros escurecidos
pela pólvora
filhos de bomba ensaiando voos

Crescer de
água na cachimba brotando
voz desbrochando

Novembro

*Trovejando no Caxito
numa noite barriga
triturar de botas
negrura de fardas esfarrapadas
silêncio sepulcral suspenso
sorriso nervino
voz de esperança
choro de alegria
nascemos*

*Nós somos
o princípio de um fim
e o princípio de um princípio*

*Nascemos ensanguentados em tumultos
emergimos dos escombros escurecidos
pela pólvora
filhos de pomba ensaiando voos*

*Crescer de
água na cacimba brotando
rosa desabrochando*

Nós somos
o princípio de um fim
e o princípio de um princípio

Nós somos
NOVEMBRO

Que se amanchou de tanta
contra pedras impiedosas
que se demoremos no poro

Que se bronzeou de tanta
com esta lama cor de terra
Dance cadê, mas não
com teu pé sem conteras

Que se pisou de tanta
A vingança das conteras
é o povo laido e escovado

Que se pisou de tanta
mas boca cheia
Ela não dá... dána não!

Quem não gosta de
é feticcio
feticcio em sua conteras

Dance cadê, mas não
com teu pé sem conteras

Cadoji

Trovejando no Cacho
numa noite barriga
triturar de botas
negras de fardas afarrapadas
silêncio sepulcral suspenso

**Dança cadoji, meu filho
com teus pés sem correntes**

**A vingança das correntes
é o povo lendo e escrevendo
suas bocas cheias**

**Quem não gosta d'outro
é feiticeiro
feiticeiro vai nas correntes**

**Dança cadoji, meu filho
com eus pés sem correntes**

Crescer de
água na cucurba brotando
rosa desastrochando

21/1/1979

Mulher Angolana I

— A Vitória é Certa

"Viva a mamã, mulher de O.M.A.

e eu sorrio, sorrio

como as flores de um jardim, sorrio

como as pássaros em liberdade, canto

e deixo o beijo ao vento com os meus lábios

Que se amachuquem os seios
contra pedras impiedosas
que as domaremos no porvir

Que se bronzeiem as maçãs do rosto
com esta lama cor de utuma
neste estojo trincheira

Que se pintem os lábios
com o bâton da ferida

Mas o inimigo cairá hoje!
Esta manhã... esta madrugada!
Eis que me ergo com a Pátria
eternamente livre

20/1/1976

Mulher Angolana II

... E a minha enxada deixou de andar só
na quinda
recebeu o fusil como companheiro

A caminho da lavra já não choro
cantamos em coro

Deolinda e Engrácia

hoje não me acompanham
heroínas das matas e cidades
dos cheiros a rosas e mukunzas
... mas comigo estão!

Meu marido de tristezas e alegrias
já tem um livro
já tem o guia

O meu filho é pioneiro com pê grande
na sua Pátria livre

Mukunza — mandioca fermentada assada com casca.

O.M.A. — Organização da Mulher Angolana.

O pequeno diz:

— A Vitória é Certa

“Viva a mamã, mulher da O.M.A.

e eu sorrio, sorrio

como as flores de um jardim, sorrio

como os pássaros em liberdade, canto

e devolvo o beijo ao vento com os meus lábios

Dikulukubua, sim

Dikulukubua, sim, sim

Solíamos a vida inteira
das palmeiras e das flores
muito tempo e muito amor
e muito carinho

Sobretudo negro deprimido
no Calhau, e lá se foi
tímulo dele é dano este
e deserto restaram

Quando
somos as búfalas de meta-noite
quando
o dia daque e vêm na enxada
Kijangando, Kapolo, Kankala...

Tristes e desmurchadas
Valas comuns com elas se formam
Magia e bugigangas com elas se formam
E vi as palmeiras xanxanhar

Reviravolta

*Soltámos a vida errante
nas grutas de Cacolo
cambaleando, bambaleando afogou-se
no Kwanza*

*Sobretudo negro despimo-lo
no Calahari
túmulo dele é duna e
o deserto reclama*

*Quando
soam as badaladas da meia-noite
quando
o dia despe o véu na aurora
Kifangondo, Kapolo, Kanhala...*

*Tristezas desmesuradas com eles se foram
Valas comuns com eles se foram
Magia e bugigangas com eles se foram
E vi as palmeiras xauxalhar*

Dikulukúbua

Pequenas mulamba verde
cristalino mulamba também
aguarda

A cacimba a tua pé
apaga a sede das mulheres

Dikulukúbua, sim

Dikulukúbua, sim, sim

*Trepador incansável
das palmeiras bandeiras desfraldadas
mirando
janelas escancaradas
desde Novembro*

Dikulukúbua, sim

*Dikulukúbua, sim, sim
tua cabeça é gingenga
no halale da independência*

23/1/1979

Dikulukúbua — sardão.

Gingenga — fruto silvestre.

Halale — mata queimada.

Valente anónimo, defensor da Paz

*Um corpo
entregue ao vento
aos corvos
às chuvas
ao sol*

*Que importa
que seja teu ou meu, camarada
assim entregue como frango
ao genro numa comuna*

*Que importa
não conhecer o necrotério
o ferétro
a cova
nem epitáfio*

Que importa!...

Ngundu

*Pequenina mulemba verde
castanho mulemba também
ngundu*

*A cacimba a teus pés
apaga a sede dos viajeiros
de olhar para ti passa a fome*

*Tu, mulemba querida
cresces
cresces e robusteces
perdida hoje na mata*

*Kikwakre que declama nos teus cabelos
teu fruto alimentação dele
minha fisga faiscando morte
ódio da voz dele de choro de óbito
derrubando-o nos tempos passados*

*Para que me perdoes
sangue sujando teus cabelos e
castanho mulemba também
morro a teus pés*

Ngundu — terreno pertencente a alguém, onde se encontra a sua residência.

**Taxistas e comerciantes
numa fúria assassina
contra nós, povo**

— *Sô taxero, pára!*

— *Sô taxero, pára!*

*"Minha tia vai dar à luz
fumo no rabo do carro largou
por cima bala
na perna do Mbaxito alojou
pequeno mutilado ficou*

*Loja dele a pegú fogo
por caso do abuso
loja do roubo ao povo*

Ah!

*Com um berro do "irmão cambuta"
deixavas tudo no chão:
calças, cuecas, pistola
...Só Mbaxito criança!...*

Ouves?!

Tac-tac-tac, pum-pum-pum

Trrrááá... Buzulungunzum-huááá

...

Estão torrar milho

Milho que

se saltar e te tocar

mata

milho veneno

cultivado nos laboratórios

Ouves?!

...

Buzulungunzum-huááá

Criança?

Olho já está na mão mostrar

Homem?

dentes já engoliu à coronhada

Velha?

mãos amputadas, vida dela que será?!

Nosso povo matado

comeu no mesmo dixindi

bebeu na mesma fonte

Ouves?!

...

O amanhã dos amanhãs

*Sabuenhas no Kwiji dos pensamentos
dikua nas mãos
varuma perfurando
o amanhã*

*máquinas assustando maiombes
kimbanda das letras sorrindo
na fogueira
batas cocos desflorados
na roda*

*mingeleka sabucando nas kivusas
perdizes na madrugada de cacimbo*

*sabuenhas no Kwiji dos pensamentos
p'ra o amanhã
do amanhã
do amanhã
sol*

-
- Sabuenhas — aportug. do kim., sabuenha;
peixe miúdo do rio Kwiji, comido em porções.
Kwiji — afluente do rio Kwanza.
Dikua — machado.
Mingeleka ou miengeleka — folhas de abóbora (comestíveis)
Sabucando — aportug. do verb. kimb., Kusabuka; rebentar.
Kivusas — aportug. do kimb., Kivuza, plur., Ivuza; terrenos dados
à cultura — em repouso

Tombor de Maçambique

N'alta noite

*Garganta estrangulada
o coração batucando vitória
o corpo estrebuchando*

*Garganta estrangulada
os braços em vês frenéticos
as pernas parando*

*Suspirando
esganado
adormeceu suspenso*

Quem responderia pelo crime?

*O silêncio da noite
e o silêncio da morte
responderam em coro:
— Ninguém!*

(Enforcamento de um Pastor numa cadeia da P.I.D.E. em Moçambique).
P.I.D.E. — Policia Internacional Defesa do Estado — Segurança do
Estado colonialista fascista Português.

O carro vermelho da minha rua

Sabiasças no Kwil das pensamentos
dikw nas mãos
varuma perfurando
o amanhã

máquinas assustando
kimbanda das letras tortadas
na fogueira
bata cocos das flores
na roda

Quando a coragem falha
o homem é palha
a certeza da morte impõe-se
mais despótica no ecran

Os pensamentos são ondas
que se despedaçam nas rochas
fio cortado perdido no arco-iris
num emaranhado de diversos

Tudo ficou nos campos de batalha!
Agora na minha rua
Kitetas é comida de crianças
de camisinhas abertas olham
o carro vermelho passando
com trabalhadores da construção

Olhos verdes marinho

Linda, linda!
como borboleta azul voando
numa tarde de cacimbo
vivendo em casa pobre
que apesar de pobre é linda!

Sem igual tua beleza
embora em casa pobre
gosto da tua pobreza
que uma riqueza podre

Tua pele chocolate
olhos verdes marinho
aqui n'Africa negra
como eu

Nas chuvas ou no cacimbo
... na pobreza...
teu sorriso luminoso
teus olhos de criança
tua pele tambor
faz meu coração pulsar

*Sem igual, tua beleza
olhos verdes marinho*

*Chuva tamborilando no tecto
melodia de pássaro doído
este tecto que cobre
tesouro de felicidade*

*Nossa tristezas queimadas
no fogo que nos aquece
chama da felicidade!
O passado passou, não volta mais*

1975

Kalandula

*Salto delicioso e radioso
do Lukala
em mundo viçoso*

*Voo
de borboleta azul
no céu*

*águas cristalizadas
salpicando rosas
em nossos chapéus
de turistas*

É maravilha!

*Cachoeira, cachoeira!
meu suor é nevoeiro.*

Kalandula, 30 — 6 — 79

Breviário **GRAFIA**

ROSÁRIO MARCELINO nasceu em Malanje a 23 de Outubro de 1933.

Após a instrução primária viu-se obrigado a suspender os estudos por motivos económicos. Foi tipógrafo, jornalista-colaborador e professor de escola rural.

Foi responsável do D. E. C. (Departamento de Educação e Cultura) do M. P. L. A., em Malanje da Moçambique, enquanto concluiu o Curso Geral de Administração e Comércio. Findo o curso, transferiu-se para Luanda a fim de prosseguir os estudos. Foi matriculado e esteve matriculado no Instituto Comercial desta cidade, no Curso de Perito Contabilista, até à re-organização do Ensino.

Um ano mais tarde volta para o sul e é destinado para a República de Cuba onde exerce o professorado na área de Investimento até fins de 1972.

É membro suplente da Mesa da Assembleia Geral da União dos Escritores Angolanos. Participou na VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos realizada em Angola de 26 de Junho a 3 de Julho de 1979.

Aportug. — Aportuguesamento

Verb. — Verbo

Kimb. — Kimbundu

Plur. — Plural

BIOGRAFIA

ROSÁRIO MARCELINO nasceu em Malanje a 22 de Outubro de 1953.

Após a instrução primária viu-se obrigado a suspender os estudos por motivos económicos. Foi tipógrafo, escriturário-cobrador e professor do meio rural.

Foi responsável do D. E. C. (Departamento de Educação e Cultura) do M. P. L. A., no bairro da Maxinde, enquanto concluiu o Curso Geral de Administração e Comércio. Findo o curso, transfere-se para Luanda a fim de prosseguir os estudos. Foi bancário e esteve matriculado no Instituto Comercial desta cidade, no Curso de Perito Contabilista, até à reformulação do Ensino.

Um ano mais tarde volta para o ensino e é destacado para a República de Cuba onde exerce o professorado na Ilha da Juventude até fins de 1978.

É membro suplente da Mesa da Assembleia Geral da União dos Escritores Angolanos. Participou da VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos realizada em Angola de 26 de Junho a 3 de Julho de 1979.

Iniciou a sua actividade literária em 1973 e tem publicação dispersa em jornais e revistas. A maior parte dos seus trabalhos foram radiodifundidos, outros televisionados.



0109

Ac-01